

Alfredo Garcia-Bragança

contwitters



**Para os meus amigos e amigas da
Grande Rede.**

CONTWITTERS: acrobacias de Alfredo Garcia

A luz brilha. Dentro da imagem vive um texto. Pulsa. Inscreve-se. Escreve. A vida vive um novo tempo. Uma nova linguagem: internet, blogs, links, hiperlinks, smartphones. Agora, o Twitter: as asas de um pássaro azul. E o tempo de hoje é mais rápido que o de ontem e mais lento que o de amanhã. O horizonte é uma porta que se abre todos os dias. Dentro da casa do horizonte vive uma esfinge. Ela lança os seus enigmas no meio do mundo da vida e da linguagem. Vida e linguagem, este entrelaçamento de signos. Um novo mundo dentro de casa, dentro da palma das mãos, na velocidade da ponta dos dedos. Mensagens...

As asas de um pássaro azul. A sua linguagem, o Twitter. Em até 140 caracteres compartilhar um universo. Escre(ver) a vida, o seu mundo particular nas asas desse pássaro azul. Foco. Objetividade. Síntese qual arame esticado nos céus da linguagem. Indo e vindo. Malabarismos. Palavras. Equilíbrios. O texto que se diz – seduz – alcança. Comunica. *Alfredo Garcia* lança-se à faina. Traz literatura para dentro deste mundo. *“Aquário. As possibilidades do mar, enclausurado em centímetros: trinta por vinte e cinco.”* Abre-se este livro como quem recebe mensagens. Contwitters. Alfredo Garcia entortando palavras, malabares de letras, segredos das mágicas da linguagem. Compor. Amar. Viver. Dentro de um mundo, outro mundo. Contos, microcontos, histórias: o sumo das palavras em um espaço mínimo de vida. Twitters em contos. Contos em Twitters. Palavra nascida na ponta dos dedos. No arame da linguagem, indo e vindo, a vida. Contwitters. *“A naufraga. De tanto que ia ao mar, um dia, Maria se foi.”* Alfredo Garcia nos oferece esta possibilidade. Pensar o Twitter como um espaço e tempo para se contar uma história. *“Tinha fome de viver. Por isso devorava cada segundo do*

seu dia.” Devorar cada segundo. Decifrar. Viver. A esfinge da vida. Sempre. Novas possibilidades, novos mundos, novas linguagens. Alfredo Garcia, com as suas palavras, atravessa o arame suspenso nos céus da linguagem. Ele nos traz novas mensagens, novos mundos, outras possibilidades. A esfinge da vida, por um instante, se acalma. Serena, para lhe propor, amanhã, um novo outro enigma. “Foi *batizada de Esperança. Da família*, claro, foi a última a morrer”.

Contwitters de Alfredo Garcia.

Convites para uma leitura.

Mensagens para toda a gente.

Belém, chuvas de janeiro de 2011.

Daniel Leite *¹

¹ Escritor, autor de *Casa de Farinha (Infantojuvenil)*, *Girândolas (Romance)* e *Águas Imaginárias (contos)*

SUMÁRIO

A naufraga	7
Aquário	7
Gleba	7
Fácil	8
Cinéfilo	8
Despedida	8
Primavera	9
Temerosa	9
Distâncias	9
Contradição	10
Freudiano	10
Olheiras	10
Sensato	11
Diferente	11
Perfeito	11
Andarilha	12
Surpresas	12
Certinha	12
Descoberta	13
Guloso	13
Radical	13
Cruel	14
Caminhos	14
Transformação	14
Incompatibilidade	15

Menos	15
Estátua	15
Loucura	16
Asas	16
Violência	16
Vingança	17
Velório	17
Justiça	17
Final	18
Enredo	18
Palhaçada	18
Temor	19
Sorrisos	19
Espetáculo	19
Latifúndio	20
Figuraça	20
Cativos	20
Queda	21
Inocência	21
Coroadas	21
Anúncio	22
Marginal	22
Acompanhante	22
Fábula	23
Herança	23

A NÁUFRAGA

De tanto que ia ao mar, um dia Maria se foi.



AQUÁRIO

As possibilidades do mar, enclausurado em centímetros: trinta por vinte e cinco.



GLEBA

Depois que a mulher partiu é que ele se deu conta da descoberta: não há latifúndio maior da solidão que o da cama de casal.

FÁCIL

Quando o homem gordo vinha célere sobre aquele corpo magrelo, a menina resmungava baixinho: Vida fácil nada...!



CINÉFILO

Ele fazia cena com tudo na vida. Acabou tendo a existência de um curta.



DESPEDIDA

Diante da tumba do morto, perfilado, disse: Que a terra lhe seja leve! E atirou pedras sobre o caixão.

PRIMAVERA

Era setembro quando a primeira flor brotou. Pena que o homem não pôde vê-la – tampouco a inscrição na lápide.



TEMEROSA

Com medo de amar, ah! Maria morria em vida.



DISTÂNCIAS

De longe, achou-a simpática. De perto viu que ela ainda estava distante.

CONTRADIÇÃO

Queixava-se de que o tédio o estaria matando. Ao sair de casa foi atropelado.



FREUDIANO

Despertou, assustado, de um pesadelo. E viu que não estava dormindo.



OLHEIRAS

O escuro a incomodava. Por isso passava as noites em claro.

SENSATO

Era um homem que pesava bem as coisas. Por isso, logo conseguiu um emprego no supermercado.



DIFERENTE

Cansada de ser a ovelha negra, tomou uma decisão: adotou um vermelho-raposa nos cabelos.



PERFEITO

Era um sujeito de bons predicados. Só tinha um defeito: sempre exigia um complemento. Nominal, claro.

ANDARILHA

A mulher que emendava caminhos se perdeu nas encruzilhadas da vida.



SURPRESAS

“A vida é uma caixinha de surpresas”, pensava o homem enquanto preparava o pacote-bomba.



CERTINHA

Era uma mulher que sempre andava na linha. Até que foi riscada do mapa.

DESCOBERTA

Vivia à sombra do marido. Um dia ele morreu. Foi quando ela descobriu que o sol nasce para todos.



GULOSO

Tinha fome de viver. Por isso devorava cada segundo do seu dia.



RADICAL

Era um homem de raízes firmes. Tanto que quase não conseguiram tirá-lo do quarto quando enfartou.

CRUEL

“Não se faz uma omelete sem quebrar os ovos”, pensou o torturador antes de apertar o alicate nos genitais do homem.



CAMINHOS

Vivia num beco sem saída. Acabou na rua da amargura.



TRANSFORMAÇÃO

Cansou de ser Amélia: uma cirurgia e alguns centímetros de pele e nervos a transmutaram em João Alberto.

INCOMPATIBILIDADE

João acabou o namoro com Maria: ele era diabético, ela um “doce de pessoa”.



MENOS

Era lacônico. Demais. Sempre. Viveu quieto. Morreu calado.



ESTÁTUA

Era louco de pedra. Ao brincar de estátua ficou assim a vida toda.

LOUCURA

Todos entenderiam a louca suicida se tivessem ouvido a pergunta do namorado demente antes dela saltar: “Você sabe voar?”



ASAS

Descobriu que podia voar. Subiu ao prédio mais alto da cidade e saltou de lá. Despertou no meio do voo.



VIOLÊNCIA

O tiro que deram na boca da noite a deixou banguela e ensanguentada.

VINGANÇA

Vivia cego de ódio pelo rival. Tanto que errou o tiro de palmo em cima quando foi se vingar.



VELÓRIO

Elegante na medida, circunspecta, ganhou o elogio na capela:
“Como sempre, linda de morrer”.



JUSTIÇA

Dormia o sono dos justos, mesmo tendo sido condenado à prisão perpétua.

FINAL

Foi batizada de Esperança. Da família, claro, foi a última a morrer.



ENREDO

Apaixonou-se pelo romancista. Viveram um conto de fadas. Foram infelizes. Para sempre.



PALHAÇADA

Morria de rir quando foi preso, após o incêndio, ainda maquiado. Justificava: “Alegria de palhaço é ver o circo pegar fogo!”

TEMOR

Morria de medo da vida. Até que um dia o medo acabou. Para sempre.



SORRISOS

Acreditava que a vida sempre lhe sorria. Decidiu-se: ia ser ortodontista!



ESPETÁCULO

Vivia equilibrando o orçamento, saltando de um emprego pro outro, domando os credores. Consolava-se: era assim o circo da vida.

LATIFÚNDIO

“Briga de terra cheira a defunto”, filosofou o capanga. Depois chutou os corpos dos sem-terra e da missionária estendidos na estrada de piçarra.



FIGURAÇA

Era uma figura difícil. Por isso não constava de nenhum álbum de fotos da família.



CATIVOS

“Liberdade! Liberdade! Abre as asas sobre nós!” cantava o homem a plenos pulmões, enquanto alimentava os pássaros presos nas gaiolas.

QUEDA

Mergulhado em dívidas, atolado em problemas, acabou no fundo do poço.



INOCÊNCIA

Enquanto a mãe chorava a morte do primogênito, o irmãozinho inventava poesia sem saber: “Ele foi brincar no infinito, foi mãe?”.



COROADA

Sonhava ter uma vida de rainha. Não deu certo. Menos mal que se casou com um “coroa”.

ANÚNCIO

A mulher gorda, debruçada no balcão, sorria enquanto redigia o anúncio: “Você vai gemer de prazer. Sou loira, tipo mulherão...”.



MARGINAL

Vivia à margem da sociedade. Acabou preso no acostamento.



ACOMPANHANTE

Era iniciante, mas fazia de tudo. Inclusive fingir... que era iniciante.

FÁBULA

A cigarra cantou por duas horas e recebeu seu cachê. Enquanto isso a formiga levou metade da renda. Afinal, era a empresária da artista.



HERANÇA²

“Um dia tudo isso será seu”, disse o homem ao filho enquanto olhava o cemitério de árvores decepadas.



² Este conto recebeu o prêmio Mobile Fest 2010 nacional para texto literário em SMS.

O AUTOR

Meu nome é Garcia. Alfredo Garcia. Na certidão de nascimento: Joaquim Alfredo Guimarães Garcia. Herança lusa, ora pois. Já fui Joaquim, hoje sou Alfredo. Na literatura sou Alfredo Garcia-Bragança. Este último nome, aliás, é o da cidade em que nasci em 1961.



Estou chegando em 2011 aos 25 anos de atividades literárias ininterruptas. Não é pouco. Também chego a meio século de vida – mas já? Quando me desejam “muitos anos de vida”, confesso que tenho ganas de perguntar: Quantos?



Já fui bancário, locutor, jornalista. Escritor eu sou desde sempre. Professor vem sendo minha lida desde 2005. Pai desde 1984. Marido desde 1987.



Na literatura já publiquei quase tudo: poemas, contos, literatura infanto-juvenil, crônicas. Com este “Contwitters” chego a duas dezenas de livros publicados.